

Revivendo o Modernismo através das correspondências trocadas entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira

Mônica da Silva Mota Pimenta*

RESUMO:

Nesta pesquisa, resultado de um estudo do livro *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*, organizado por Marcos Antônio de Moraes, pretende-se mostrar a importância dos arquivos pessoais, de colocar em evidência a amizade epistolar entre os autores mencionados e destacar alguns assuntos tratados nestas cartas.

Palavras-chave: Arquivos pessoais; Correspondências; Manuel Bandeira; Mário de Andrade.

Os arquivos pessoais são uma fonte preciosa de estudo. Num arquivo pessoal, quase tudo pode ser encontrado: diplomas, registros civis, álbuns de fotografias, agendas, diários, blocos de anotação, correspondências, recortes de revistas e/ou jornais, objetos...

Preservar arquivos pessoais é conservar a memória da sociedade. O arquivo pessoal de um autor é o mapeamento da memória de uma época.

Os arquivos pessoais são documentos acumulados durante a trajetória profissional e vida particular de uma pessoa. Ao contrário do que se imagina, “arquivar a própria vida não é privilégio de homens ilustres (de escritores ou de governantes). Todo indivíduo, em algum momento da sua existência, por uma razão qualquer, se entrega a esse exercício” (ARTIÉRES, 1998, p. 29).

Na sociedade atual, é muito comum, por exemplo, encontrar pessoas que organizam fotos e guardam comprovantes dos mais diversos. Algumas guardam mais, outras, menos.

Philippe Artières afirma que arquivar a própria vida é “pôr o preto no branco, sem mentir, sem pular páginas nem deixar lacunas”. Segundo o autor, esse guardar papéis é muito comum, o “anormal é o sem-papéis” (p. 10). Tudo o que é arquivado responde a uma exigência da sociedade. Arquivando, constrói-se e comprova-se uma identidade. “O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico” (p. 10).

Ao arquivar a própria vida, o indivíduo forma a imagem que gostaria que fosse refletida na sociedade, construindo o seu eu:

* Mestranda em Letras – Literatura Brasileira – pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. CES/JF

Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica. Em outras palavras, o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer a princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação. Escrever um diário, guardar papéis, assim como escrever uma autobiografia, são práticas que participam mais daquilo que Foucault chamava a preocupação com o eu. Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência (p. 10).

Para Eliane Vasconcellos, “os arquivos surgem espontaneamente, como consequência da vida de uma pessoa ou instituição, que ficará refletida na organização de seus papéis” (1993, p.9).

Percebe-se que a organização do arquivo pessoal de um escritor serve como “fonte preciosa para as pesquisas no âmbito literário, montagem de exposições e outras atividades que tenham como objetivo o resgate de fontes primárias” (VASCONCELLOS, 2002, p.7).

Organizar e conservar os documentos de um escritor permite a qualquer pesquisador conhecer facetas de sua obra que ficariam totalmente ignoradas se os arquivos fossem perdidos (VASCONCELLOS, 2001).

Dessa forma, “o arquivo de um escritor deve ser considerado como um organismo complexo que mantém entre suas partes (sub-séries) relações significativas” (MORAES, 2000, p. 57).

A correspondência é uma parte especial dessas séries. Comentando sobre correspondências, Eliane Vasconcellos argumenta:

As cartas, de um modo geral, irão revelar dados de ordem pessoal do destinatário e do correspondente, além de registros, fatos relacionados ao âmbito literário, muitas vezes caracterizado pelo agradecimento e oferta de livros, comentários rápidos sobre o fazer poético de ambos, além do comentário de momentos históricos e políticos. São comuns os pedidos de colaboração para jornais e revistas, de autorização para publicação de poemas (2002, p. 11).

Percebe-se o quanto é importante o estudo de correspondências. Variadas são as possibilidades de pesquisas. Um estudo detalhado sobre a correspondência de um escritor traz à tona suas preferências, seus gostos. Um caminho repleto de revelações sobre ele e sobre seus correspondentes.

Entender o Modernismo brasileiro a partir dos arquivos de um autor que viveu nessa época é mergulhar numa fonte inesgotável de experiências que revelam suas descobertas, conquistas, frustrações...

Em uma carta, pode-se perceber, por exemplo, a influência que o outro exerce sobre aquele com quem está correspondendo. Isso pode ser facilmente observado no livro

Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira, organizado por Marcos Antônio de Moraes.

1. Mário de Andrade e o Modernismo brasileiro

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em nove de outubro de 1893 na cidade de São Paulo. Em 1909, forma-se bacharel em Ciências e Letras. Em 1917, diploma-se em piano pelo Conservatório. Nesse mesmo ano, logo após a morte de seu pai, publica “Há uma gota de sangue em cada poema”, sua estreia na literatura com o pseudônimo de Mário Sobral e tem seu primeiro contato com o movimento modernista na Exposição de Anita Malfatti. A partir de então, escreve contos e poemas, colabora em jornais e revistas e viaja por Minas Gerais. No ano de 1920, início de uma década fundamental para o Modernismo brasileiro, Mário de Andrade passa a fazer parte do grupo modernista de São Paulo.

Nessa década, o Brasil vivia o fim da chamada República Velha e as principais cidades brasileiras, destacando-se São Paulo, passavam por uma rápida mudança decorrente do processo industrial do início desse século. Aumentava o número de imigrantes europeus. Nos centros urbanos ainda existia a pequena burguesia, de caráter reivindicatório, composta por funcionários públicos, comerciantes, militares e profissionais liberais. Antonio Candido afirma que “típico da nova era, São Paulo se caracterizava pela massa de imigrantes recebidos desde os anos de 1880 e por um setor culto da oligarquia, que patrocinou as manifestações da vanguarda artística e literária, de que foi um dos centros dominantes” (2004, p. 89).

Por isso o comentário de Mário de Andrade afirmando que “só mesmo uma cidade grande, mas provinciana, como São Paulo, poderia fazer o movimento modernista e objetivá-lo na Semana” (ANDRADE, 1974, p. 238). E avaliando qual cidade seria mais adequada para o movimento modernista, Rio de Janeiro ou São Paulo, Mário de Andrade declara:

São Paulo estava mais ‘ao par’ que o Rio de Janeiro. E socialmente falando, o Modernismo só podia mesmo ser importado por São Paulo... São Paulo era muito mais moderna, porém fruto necessário da economia do café e do industrialismo consequente... São Paulo estava ao mesmo tempo, pela sua atualidade comercial e sua industrialização, em contato mais espiritual e mais técnico com a atualidade do mundo... É mesmo de assombrar como o Rio mantém, dentro de sua malícia vibrátil de cidade internacional, uma espécie de ruralismo, um caráter parado tradicional muito maiores que São Paulo (p. 236).

Antonio Candido refaz a afirmação de Mário de Andrade quando declara que o Rio de Janeiro foi outro centro onde o Modernismo se desenvolveu, porém a “maior tradição urbana havia gerado manifestações culturais mais resistentes, resultando formas menos agressivas de modernização” (2004, p. 89).

O Modernismo brasileiro foi um movimento que, por ser “complexo e contraditório [...] iniciou uma era de transformações essenciais” (p. 89).

Mário de Andrade mostra a sua adesão absoluta aos padrões modernos no livro *Pauliceia desvairada*. Este livro de poesias, publicado em 1922, tem como musa inspiradora, ou melhor, como objeto de análise e constatação, sua cidade natal: São Paulo. E, para mostrar que não sofreu influência, dedica esse livro ao seu grande mestre: ele mesmo.

Mesmo assim, em 1925, admite sofrer influências de seus companheiros, numa carta destinada a Manuel Bandeira:

Não tenho a mínima intenção de negar a influência que vocês todos os escolhidos tem sobre mim, você, o Osvaldo (de quem tirei claramente a decisiva vontade de abasileirar construtivamente a minha dicção, coisa latente, porém não afetiva, no prefácio de *Pauliceia*, e nas “Crônicas de Malazarte), o Ronald e o Guilherme (MORAES, 2001, p. 220).

2. A amizade com Manuel Bandeira

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho, nascido no Recife em dezanove de abril de 1886, muda-se para o Rio de Janeiro em 1896 com sua família. No ano de 1903, vai para São Paulo e se matricula na Escola Politécnica, mas no ano seguinte, devido a sua tuberculose, abandona os estudos. Publica seu primeiro livro *A cinza das horas* em 1917. É também autor da geração dos anos 1920.

Numa reunião na casa de Ronald de Carvalho, em Copacabana, no ano de 1921, Manuel Bandeira é apresentado a Mário de Andrade. Tornam-se colegas e a partir do ano seguinte, começam a trocar correspondências, período que vai de 1922 a 1944.

Uma leitura do livro *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira* revela a importância desses documentos para uma melhor compreensão do Modernismo no Brasil. Em três de janeiro de 1925, numa carta a Mário de Andrade, Manuel Bandeira revela seu desconhecimento pelo Modernismo:

Cheguei à feira modernista pelo expresso Verlaine-Rimbaud-Apollinaire. Mas chegado lá, não entrei. Fiquei sapeando de fora. É muito divertido. [...]
 Quando publiquei o *Carnaval*, ignorava completamente o movimento moderno. Não sabia que estava “escrevendo moderno”. Ainda hoje, e você deve ter sentido isso nas nossas conversas de São Paulo, conheço mal toda essa gente (MORAES, 2001, p. 175).

A leitura dessas cartas faz perceber a solidificação da amizade entre os dois, amizade esta que foi regada por muitas palavras escritas, porém por poucos encontros. Trocaram palavras que, talvez, nunca as diriam pessoalmente, já que eram muito tímidos, principalmente Mário de Andrade: “Devia me queixar pra eles e ainda não fiz. Em parte orgulho, em parte dificuldade numa explicação em que seria quase impossível pra minha timidez produzir diante deles certos dados que botei nessa carta” (p. 246). Nesta carta, Mário de Andrade desabafa com o amigo Manuel Bandeira sobre as atitudes de alguns de seus amigos de São Paulo. Atitudes que o magoam e o inquietam.

Mário de Andrade e Manuel Bandeira tinham muito em comum: gostavam de artes plásticas e música. Ainda identificavam-se no gosto por mulheres: “Acho que a nossa maneira de gostar de mulher é muito parecida”. Nesta carta, Manuel Bandeira escreve comentários sobre o poema “Tempo de Maria”, de Mário de Andrade e se surpreende com o jeito como o escritor faz a descrição da mulher (p. 231).

3. A língua brasileira

Pode-se presenciar a luta de Mário de Andrade por uma língua brasileira, em suas correspondências, sempre apresentando a seu colega uma língua que estivesse mais próxima do falar do povo brasileiro. Em carta a Manuel Bandeira, em sete de novembro de 1924, Mário, mostrando convicção e embasamento para o que defendia, revela que pretende sacrificar-se para que outras pessoas tenham coragem de usar uma língua brasileira:

Sobre isso, Manuel estou disposto a me sacrificar. É preciso dar coragem a essa gentinha que ainda não tem coragem de escrever brasileiro. Dante não surgiu sozinho. Antes dele uma porção de poetas menores começaram a escrever em língua vulgar e *prepararam* Dante. Não são regionalistas *grifando* os erros ditos pelos seus personagens que prepararão Dante, mas os que escrevem por si mesmos na língua vulgar, lembrando erros passíveis de serem legitimados. Tudo está em se observar o que é psicologicamente aceitável e o que não é. O pronome complemento pode iniciar o discurso. Eu o emprego. Ir *na* cidade, é regência perfeita. Em italiano já se diz “*andare in città*”. Em francês “*aller en ville*”. Os portugueses dizem ir à cidade. Os brasileiros: *na* cidade. Eu sou brasileiro. Não tenho a mínima pretensão de *ficar*. O

que eu quero é viver o meu destino, é ser badalo do momento. Minha obra toda badala assim: Brasileiros, chegou a hora de realizar o Brasil (MORAES, 2001, p.146).

O grande desafio para Mário de Andrade, estabelecer a língua brasileira, é encarado como projeto a ser desenvolvido durante um longo prazo, em que outros escritores deveriam colaborar. Mário de Andrade afirma que alguns casos da língua portuguesa deveriam ser repensados e legitimados, adequando-se a uma língua brasileira:

Mário de Andrade adotou como base da sua obra o esforço de escrever numa língua inspirada pela fala corrente e os modismos populares, não hesitando em usar formas consideradas incorretas, desde que legitimadas pelo uso brasileiro. Com isso, foi o maior demolidor da “pureza vernácula” e do “culto da forma” (CANDIDO, 2004, p. 92).

Assim como o escritor, os poetas modernistas passaram a buscar temas cotidianos, adotaram expressões coloquiais mais simples, algumas vezes vulgares, combatendo assim o emprego da gramática da língua portuguesa em alguns aspectos, diferenciando o uso dessa língua no Brasil (2004).

Manuel Bandeira, respondendo a carta de Mário de Andrade, mostra também ser observador do uso da língua e posiciona-se sobre o uso da preposição e do pronome:

Acho contra a mão o brasileirismo “cai do chapéu dele”. Acho melhor como estava na versão primitiva. Quanto ao “Lhe embala o sono”. O brasileiro gosta de começar a frase com pronome oblíquo quando é da 1ª pessoa. É um caso que ainda estou observando. Aí me parece cair bem. “Embala o sono dele...” Veja se te serve deixa o “Solta-se-lhe do chapéu” (não era assim?) e mudar para o “Lhe embala” para o que proponho. Tem toda razão no capítulo dos brasileirismos “Ir na cidade” já era sintaxe latina e passou às línguas românicas, tal qual como iniciar a frase com pronome oblíquo. Na balada mudei “Vieram na vila casar” por “à vila” não para evitar “vir na”, mas porque “vieram na vila casar” parecia (parecia só) que houvesse inversão por “vieram casar na vila”, o que seria pau. [...] Por isso não chamei a minha coleção de *Poemas* e pus o título de *Poesias*. Eu criei mesmo o adjetivo “poemático” para exprimir o que dizes (MORAES, 2001, p. 151).

Mário de Andrade, “figura central do Modernismo”, foi um “escritor de grande fecundidade e senso dos deveres intelectuais, exerceu uma espécie de magistério renovador, através [...] dos escritos teóricos e de uma intensa atividade epistolar e jornalística” (CANDIDO, 2004, p. 94). Era um estudioso da língua portuguesa e, por isso, sempre teve facilidade em expressar suas observações a respeito da língua brasileira. Em carta a Manuel Bandeira, datada vinte e cinco de janeiro de 1925, Mário de Andrade faz menção a sua dedicação ao estudo da língua portuguesa e afirma precisar da ajuda de outras pessoas para que seu projeto torne-se realidade:

Você compreende, Manuel, a tentativa em que me lancei é uma coisa imensa, enorme, nunca foi prá um homem só. E você sabe muito bem que não sou um homem de gabinete. Não posso ir fazendo no silêncio e no trabalho oculto toda uma gramática brasileira pra depois de repente, pá, atirar com isso na cabeça do pessoal. Preciso que os outros me ajudem porque, confesso com toda a franqueza, embora não seja um ignorante em questões de língua e possa afirmar gritado que sei o português duma forma acima da comum, não sou forte no caso. Não sou. Careço que os outros me ajudem para que eu realize a minha intenção: ajudar a formação literária, isto é, culta da língua brasileira (MORAES, 2001, p. 181).

4. Demonstração de carinho e amizade

Até abril de 1925, as cartas enviadas por Mário de Andrade eram escritas à caneta, mas, a partir de então, ele compra a sua máquina de escrever, através do “processo amável das prestações” (MORAES, 2001, p. 200). Comunica a novidade a Manuel Bandeira, numa carta escrita em dezoito de abril, e partilha sua alegria pela compra que foi feita. Conta estar atrapalhado para escrever diretamente nela, segundo Mário, parece que a “ideia foge com o barulhinho” (p. 200). Mas, otimista, afirma que isso será passageiro, que logo se acostumará com ela. Como mais uma demonstração de amizade e carinho por Manuel Bandeira, faz-lhe uma homenagem:

Manuel do coração,
comunico que comprei esta máquina. [...] E agora já sabe: quinze minutos que seja de descanso, estou na frente da Manuela batendo tipo sem parar. Manuela é o nome da máquina, por causa de você. Inventei agorinha mesmo isso. Não refleti nem nada: ficou Manuela. Assim a homenagem saiu bem do coração (p. 200).

Manuel Bandeira, quando responde a carta, em seis de maio, parabeniza o amigo pela compra e comunica que também receberá uma máquina e, em retribuição à homenagem feita, procura um nome para ela. Pensa em Mariana, Maroquinhas e acaba pedindo a Mário de Andrade, como “padrinho”, que escolha o nome a ser dado. O “padrinho” aconselha não usar diminutivo e sugere Mariona. Numa carta escrita em 13 de setembro do mesmo ano, Manuel informa “Não há meio de ‘Marocas’ chegar!” (p. 236) confirmando o nome que receberá a sua máquina.

5. Infância

Através da conversa entre as cartas, Mário de Andrade e Manuel Bandeira relembavam fatos vividos na infância. Numa carta, desaparecida, segundo Marcos Antônio de Moraes, Mário de Andrade relata suas impressões sobre o poema “Evocação ao Recife”. Manuel Bandeira, em resposta, explica como funciona o seu bailado lírico “Capiberibe-Capibaribe”, verso repetido duas vezes ao longo do poema:

“Capiberibe-Capibaribe” não é filologismo. É uma bruta elipse mental. Cheguei do Recife. Entrei pro Ginásio. Aula de Geografia. Matéria: estado de Pernambuco. O professor era o Zé Veríssimo (bom professor de geografia aliás). Sabendo que eu era pernambucano, virou-se pra mim: “Qual é o rio maior de Pernambuco?” E eu: “O Capibaribe!”. A classe caiu na gargalhada. O Veríssimo derreou-se para trás e debochou: “Não sabe dizer o nome do rio da sua terra!! Capiberibe!” Eu estava besta, sem compreender. Hoje eu matava na cabeça o Veríssimo, mas naquela época senti uma atrapalhão de cabeça fantástica (MORAES, 2001, p. 228).

Momentos vividos que não foram esquecidos. Também nesta carta, Manuel Bandeira relembra que, quando chegou ao Rio de Janeiro, não gostava da cidade. Ficava procurando semelhanças com Recife: os brinquedos eram os mesmos, mas recebiam nomes diferentes e, às vezes, a maneira de brincar com eles também. Relata, nesta carta, a decepção sofrida com o amendoim:

Outra funda sensação da infância. Cheguei no Rio. Não gostei do Rio. Cadê o meu Recife, a rua da União, as rodas... Os brinquedos eram os mesmos mas com diferenças que me estragavam tudo. Os nomes eram outros. Nunca pude jogar o gude à moda daqui! E não haver midubim! – “Há sim, menino. Quando passar eu te chamo.” Custou a passar na minha rua. Afinal um dia me chamaram: “-Lá vai o menino do amendoim!” Voei pra porta da rua como uma flecha. Quando vi aqueles carocinhos torrados, tive uma decepção. Pus na boca mas cuspinhei. Nunca perdoei ao Rio aquela decepção (p. 228).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresenta uma reflexão sobre a correspondência, parte relevante dos arquivos pessoais, e um estudo do livro *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*, organizado por Marcos Antônio de Moraes. Através da leitura dessas cartas trocadas, é possível perceber questões chave do pensamento modernista à luz da amizade que envolvia esses dois escritores.

As cartas trocadas apresentam os bastidores da vida de Mário de Andrade e Manuel Bandeira. Os autores enviam textos para serem apreciados e/ou criticados pelo outro; conversam sobre o fazer poético, sobre futebol, sobre mulheres e sobre a língua brasileira tão buscada por Mário de Andrade; compartilham alegrias; relatam a compra da máquina de escrever; relembram fatos vividos na infância; pedem colaborações para artigos em jornais ou revistas. Dentro desse contexto, percebe-se a influência de um escritor sobre o outro e o aprofundamento dessa amizade epistolar.

RESUMEN:

En esta investigación, el resultado de un estudio del libro de *Correspondencia Mário de Andrade y Manuel Bandeira*, organizado por Marcos Antonio de Moraes, se pretende mostrar la importancia de los archivos personales para poner en evidencia la amistad epistolar entre los autores mencionados y poner de relieve algunas cuestiones que se abordan estas cartas.

Palabras-clave: Archivos personales; Correspondência; Manuel Bandeira, Mário de Andrade

Referências bibliográficas

- ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 09-32, 1998.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2004
- MORAES. Marcos Antonio de. Correspondência esparsa. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v. 4, n.2, p.57-64, jul./dez. 2000.
- MORAES. Marcos Antonio de. (Org.) *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, Instituto de Estudos Brasileiros, 2001. (Coleção Correspondência de Mário de Andrade; 1).
- VASCONCELLOS, Eliane (Org.). *Inventário do arquivo de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. 2002.
- _____. *Inventário do arquivo de Pedro Nava*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. 2001. v. 8.
- _____. *Inventário do arquivo de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. 1993.